

NELLO SCAVO - ROBERTO BERETTA

FAKE POPE

AS FALSAS NOTÍCIAS SOBRE O PAPA FRANCISCO



INTRODUÇÃO

UM PAPA FINALMENTE “HUMANO”

Este não é um livro apologético. Ou, pelo menos, não desejaríamos que fosse: o papa – inclusive o papa –, pode ser criticado, melhor dizendo, em alguns casos se deve criticá-lo. O problema não é de forma alguma “ampliar” o dogma – já debatido e discutível – da infalibilidade pontifícia até obrigá-lo a cobrir todas as expressões papais, mas, pelo contrário, reconduzi-lo às matérias, às argumentações, às razões que tornam séria, motivada e justamente crível, verdadeira e útil uma crítica ao papa.

Como o leitor logo perceberá, com efeito, não é sempre esse o caso. Contra papa Francisco circulam acusações completamente inventadas (autênticas *fake news*), outras nitidamente instrumentais, algumas que se contradizem entre si, sendo possível confutá-las simplesmente justapondo-as uma à outra. Há acusações verdadeiramente excessivas, como se fosse possível debitar na conta do pontífice todos os males da Igreja, e há acusações falsas, que – por ignorância ou por malícia – contradizem objetivamente a realidade dos fatos. É aquilo que frequentemente acontece a quem exponha a sua obra aos refletores do mundo.

É Bergoglio o primeiro papa a ser criticado? Com certeza não! A figura do pontífice é há séculos de tal

modo alta no pedestal de modo a prestar-se muito facilmente como alvo. É o papa mais criticado de todos os tempos? Isso até poderia ser, talvez não tanto pela quantidade das objeções (houve na história pontífices atingidos por fortíssimas acusações, até mesmo por anátemas e excomunhões) quanto pelo martelar de observações e recriminações, invectivas e até insultos que são atirados sobre ele graças ao infinito reservatório de fantasias e também de infâmias que é a rede com os seus braços sociais.

Não estaremos aqui a condoer o Santo Padre – embora de fato alguns comentários que circulam a seu respeito superem abundantemente não só os limites da decência e da lei, mas também os da dignidade devida a qualquer ser humano. Mas o compreendemos quando (a essas alturas já numerosas vezes) quis combater as piadinhas e as fofocas na Igreja, as conversas maliciosas de sacristia, a difamação, agora – na mensagem para a Jornada das comunicações sociais de 2018 – as *fake news* que perturbam irreparavelmente e condicionam a vida de uma comunidade que deveria ser fraterna como a comunidade dos seguidores do Evangelho.

É evidente: num clima social, com uma opinião pública na qual a “imagem” da pessoa constitui também o seu valor, as *fake news* são armas poderosíssimas. Um “tiro de canhão” de mentiras ou de semi-verdades manipuladas com arte tem o poder de devastar o trabalho de anos, de injetar uma desconfiança demolidora onde – e é com frequência o caso da Igreja – o resultado final depende dos delicados equilíbrios e da paciência nas relações humanas. Não se trata mais de ação crítica, para isso motivada e submetida à averiguação, e sim

de atirar ao nível do chão, deixando ao redor de si terra queimada.

Mesmo sem a necessidade de aderir à tese de um “complô planetário”, segundo a qual haveria um exíguo grupo dominante capaz de direcionar a opinião pública para os próprios objetivos ocultos, sabemos, todavia, que as *fake news*, as informações manipuladas ou instrumentalizadas, são instrumento de poder. Sabemo-lo desde sempre, porém, hoje – graças à difusão capilar e instantânea da informação digital – vemos o princípio aplicado de modo sistemático como nunca antes. E é um paradoxo sobre o qual refletir o fato que estamos tão expostos aos riscos do falso justamente na era em que se vive do excesso de notícias “em tempo real” (de resto, não estamos também submetidos a incríveis retornos da irracionalidade e do populismo exatamente na época na qual deveria ser máximo o domínio da técnica e da ciência?). As *fake news* se nutrem justamente de irracionalidade, e ao mesmo tempo a alimentam falando à barriga das opiniões públicas, por isso são mais que nunca funcionais a um sistema que se funda nos medos recíprocos – como aquele em que vivemos.

E é aqui que novamente o tema da verdade na informação penetra o interesse da Igreja: com efeito, não é possível construir nenhuma comunidade humana, muito menos fraterna, onde dominam a suspeição e a desconfiança, quiçá criadas e gerenciadas com arte por manipuladores. Não por acaso o diabo, o mal personificado da tradição cristã, é etimologicamente “aquele que divide”; e por isso simetricamente estabelecer a verdade é obra espiritual, não apenas um dever de objetividade para jornalistas e comunicadores.

Distinguir para não confundir. As *fake news* reconduzem ao centro o tema da verdade, caro ao cristianismo tradicional; mas desta vez a resposta justa não é fornecer novas seguranças intocáveis, dogmáticas, rígidas, provadas contra a falsidade, e sim educar para contínua busca e à averiguação. É o discernimento – outro termo muito frequentemente usado pelo papa Francisco, e de resto típico do patrimônio jesuíta – a receita proposta por Bergoglio contra o pensamento único ou desviado, e seu primeiro ingrediente é a consciência da pessoa. Bem indagada e submetida a averiguações quanto quisermos, porém, responsabilidade sempre pessoal: “Não estamos acostumados ao ‘pode-se ou não se pode’ – disse o pontífice a seus coirmãos jesuítas da América Latina. Em minha formação, recebi também eu o modo do pensar ‘até aqui se pode, até aqui não se pode’. [...] Esta é uma *forma mentis* do fazer teologia em geral. Uma *forma mentis* baseada no limite. E carregamos conosco as consequências”.

Portanto, retorna-se à distinção inicial, a distinção entre crítica e *fake*: a primeira é um dever (além de um direito), as segundas são um perigo. Mas a distinção não é a “certeza” do conteúdo delas: também as *fake* se apresentam sempre como “verdades absolutas” – e por outro lado todas as “verdades” possuem a sua certeza em proporções variáveis (é preciso saber discernir onde, quanto e quando). A distinção está no sujeito que as submete a juízo – que é sempre sujeito a revisão – e distingue vez por vez os elementos que constituem sua credibilidade, a realidade.

A novidade metodológica de papa Francisco em relação às *fake news* (e, portanto, à ideia de verdade)

consiste em contrastá-las não mediante a imposição reiterada de uma certeza absoluta, imutável, tão crível que não há necessidade de demonstrá-la, como frequentemente acontece com as verdades de fé. Mas em exigir dos homens – começando pelos religiosos – uma educação séria e permanente à averiguação do próprio credo, incluído o credo cristão.

Nesse sentido, pensamos que possam adquirir significado profundo também certas expressões “relativistas” de Bergoglio, como o célebre “quem sou eu para julgar”, mas também “não ouse dizer-vos além disso”, “este é apenas o meu pensamento pessoal” etc.; modos de dizer (e também sugestões pastorais) que suscitaram reações encolerizadas por parte de quem está acostumado a considerar *ex cathedra* qualquer pronunciamento hierárquico, ainda mais se for papal. Papa Francisco foi até mais longe, na recente viagem à América Latina, não só admitindo ter errado nos modos usados para falar dos presumíveis acordos secretos de um bispo em casos de pedofilia – “Peço desculpas se feri as vítimas sem dar-me conta, mas o fiz sem querer e sinto muito. Percebi que minha expressão não foi feliz. É aquilo que posso dizer com sinceridade” –, mas também recordando que o seu juízo dessa questão se fundamenta em dados falíveis e de forma alguma imutáveis: “Devo dizer na verdade que não há evidências de culpa. Não posso condená-lo, não tenho as evidências, e estou convencido de que é inocente. Aguardo algumas evidências para mudar de posição. Se vierem a mim pessoas com evidências, serei o primeiro a escutá-las”.

No fundo, é a mesma postura (profundamente humana) invocada em relação ao pontífice – o atual

e todos os predecessores: o papa pode errar, pode ser corrigido e pode pedir desculpa; mas tem o direito de ser julgado com honestidade e na base de “evidências”, e até defendido, embora isso seja decididamente impopular – se tais “evidências” não existem, ou pelo menos ainda não são conhecidas. Eis: Francisco pede a cada um (e em primeiro lugar a si mesmo) para ser homem, no bem e no mal; ou seja, pede para não se contentar com uma referência à *auctoritas*, para superar a imagem, indo além do dado de maioria; pelo contrário, assumindo a responsabilidade de julgar e de escolher, inclusive errando. Na sua pequenez, também este livro deseja prestar testemunho a tal método, profundamente humano.

Nello Scavo - Roberto Beretta

O PASSADO "DESAPARECIDO"

A extensa sombra dos ditadores

“Eis o novo papa com o general Videla”.

postado no Twitter do diretor americano Michael Moore

“Não é Francisco”.

título do Manifesto, no dia após a eleição de Bergoglio

Há uma fotografia na qual se vê um sacerdote idoso de cabelos brancos, tomado por detrás enquanto dá a comunhão ao general Videla, o chefe dos ditadores açougueiros argentinos que, com o pretexto de um “Processo de reorganização nacional”, conduziu os militares aos palácios do poder argentino causando estragos em todos os direitos humanos: 30.000 *desaparecidos*, uma longa ditadura.

Michael Moore postou-a logo após o *Habemus papam*, cortada nas bordas a fim de tornar irreconhecível o celebrante, além disso tomado por detrás. A didascália é despojada, faz genericamente referência a 1994, porém, segundo os autores seria a prova que o jesuíta tornado papa havia permanecido em bons relacionamentos com o déspota também muitos anos após a queda do regime, acontecida em 1983, quando ninguém poderia continuar usando o álibi de “não sabíamos o que acontecia aos *desaparecidos*”.

Moore não é personagem qualquer. Logo após os atentados de 11 de setembro acusara (com razão) a administração norte-americana de cumplicidade com Osama Bin Laden antes que este se tornasse o xeque do terror. Com seus documentários havia desmascarado algumas multinacionais símbolo dos Estados Unidos no mundo todo. Sua credibilidade como fonte de contrainformação democrática é notável.

No entanto, são suficientes poucas horas para desmontar a falsidade. É suficiente inserir a fotografia numa plataforma de pesquisa especializada na coleta das imagens para recuperar o original no arquivo da agência fotográfica Corbis; a didascália traz a data de 20 de dezembro de 1990 e não faz nenhuma referência a Bergoglio: “O ex-presidente argentino Jorge Rafael Videla recebe a comunhão numa igreja de rito católico romano em Buenos Aires, nesta fotografia de 20 de dezembro de 1990”. Nessa ocasião, o papa tinha 54 anos e cabelos pretos. Portanto, uma falsidade. Foi obrigado a admiti-lo também o impetuoso Moore, constringido a seguir a cancelar o *tweet* e pedir desculpas. Porém, dez anos depois, aquela falsa imagem ainda circula, fazendo o jogo de quem na Argentina pretende condicionar para sempre a história de um país que ainda tem dificuldade em medir-se com a herança das violências dos esquadrões, do estado de sítio, da feroz repressão da dissensão e de torturas e homicídios em escala industrial.

Da “Guarda de ferro” às Guardas suíças?

“Um ‘papa peronista’, porém, não de um peronismo qualquer, mas da Guarda de Ferro, que carrega uma marca de moralidade cristã que se mistura com o peronismo como forma de governo, formando uma estrutura de poder extremamente conservadora, com características repressoras”.

Ariel Pennisi,
professor da Universidade Nacional de Avellaneda (Buenos Aires)

A participação de Bergoglio na formação política peronista, que nesse tempo atraía muitos jovens, é um dos refrões mais frequentemente usados para tentar desvelar Bergoglio “extremista de direita” travestido de pastor dedicado às causas sociais. E certamente o nome da formação, a “Guarda de ferro”, evoca mais grupos paramilitares nacional-socialistas do que juvenzinhos entregues ao voluntariado. Mas é de fato assim? Antes de compreender se e qual papel o futuro Francisco tenha desempenhado na “Guarda”, procuremos estabelecer o que de fato foi esse movimento.

A *Guarda de ferro* foi uma das numerosas organizações juvenis pertencentes à juventude peronista, em atividade entre 1962 e 1974. O movimento nasceu no ambiente universitário católico sob a liderança de Alejandro Álvarez, ex-membro da *Unión Estudiantil Secundaria* (Ues), e nos primeiros anos da década de 1970 chegou a contar em suas fileiras até 15.000 inscritos. Um grupo político que tentava fundir catolicismo e peronismo, e pelo que sabemos, nunca empreendeu

ações de tipo militar. Pelo contrário, esteve entre as siglas de oposição ao general Juan Carlos Onganía, que com um golpe de Estado tomou o poder aos 29 de junho de 1966, mantendo-o por quatro anos.

Nos ambientes dos jesuítas de Córdoba a notícia que Bergoglio, na segunda metade da década de 1960, estivesse alistado entre os opositores de Onganía é confirmada por várias fontes, entre elas Carina Judith Villafañe Batica, historiadora que entre outras coisas teve acesso aos arquivos da Aeronáutica Militar argentina, a eterna força militar nevrálgica na execução de qualquer golpe de Estado. Em particular, a pesquisadora garante que o futuro pontífice manteve contatos com a ala moderada do peronismo, ala que escolheu a via não violenta de luta contra o regime. Tal movimento era exatamente a “Guarda de Ferro” que, apesar do nome, nada tinha de marcial.

“Nos anos sucessivos à fundação da Guarda de Ferro verificam-se dois desenvolvimentos relevantes. O primeiro é o confronto sempre mais duro com os assim denominados *montoneros*, militantes peronistas de extrema esquerda que haviam passado à luta armada e que em boa parte procediam de um catolicismo progressista e filomarxista, embora alguns deles tivessem originariamente feito parte do movimento nacional-sindicalista católico inspirado no fascismo italiano chamado *Tucuara* e guiado pelo sacerdote Alberto Ezcurra Uriburu (1937-1993)”¹, explica num dos seus breves ensaios o estudioso Massimo Introvigne.

Entre parênteses: não deve ser coincidência se por longo tempo o principal detrator de Jorge Mario

¹ M. Introvigne, *Il segreto di papa Francesco*, Sugarco Edizioni, Milão, 2013.

Bergoglio foi o jornalista Horacio Verbitsky, que dos *montoneros* era o chefe da *inteligência*. Francesco Loris Zanatta, docente de História da América Latina na Universidade de Bolonha, num ensaio seu recordou que entre os principais acusadores do papa há alguns ex-guerrilheiros *montoneros*, os quais na época da iminente ditadura Videla “embora sabendo que a via violenta teria causado o golpe, seguiram-na com afinco”².

Introvigne acrescenta ainda: “O choque com os *montoneros* é acompanhado, na Guarda de Ferro – que recebe do próprio Perón a consignação de abster-se da luta armada, pela qual era também tentada, dedicando-se ao invés à propaganda capilar – um diálogo não fácil com outras formações peronistas, entre elas o *Fen* (Frente estudantil Nacional), que em 1972 leva à fusão na *Organización Única da Transferência Generacional* (Outg)”.

Todas essas siglas, assinala ainda Massimo Introvigne, “tinham relações com o mundo católico, e em especial com os jesuítas argentinos, os quais, como muitos bispos, se desconfiam de Perón acabam, todavia, pensando que somente no âmbito da complexa galáxia peronista é que se encontra uma esperança de solução para os problemas endêmicos de pobreza e corrupção. Os jesuítas ligados à teologia da libertação filo-marxista se perfilam com os *montoneros*, ao passo que padre Bergoglio – que em 1973 se torna provincial da Companhia de Jesus – hostil à teologia da libertação, mantém relacionamentos com vários expoentes da Guarda de Ferro. E também por essa orientação anticomunista o futuro pontífice atrai sobre si a aberta hostilidade

² F. Loris Zanatta, *La nazione cattolica*, Laterza, Roma, 2014.

de não poucos coirmãos argentinos que, por exemplo, contrastaram a sua opção de ceder a Universidade do Salvador, a fim de sanear os balanços da Companhia, justamente para ambientes próximos da “Guarda”.

Em suma, no fim Bergoglio escolheu sobretudo por não desencorajar aqueles estudantes – presentes em grande número na Universidade jesuíta da capital – que decidiram não empunhar as armas, evitando uma carnificina bem pior do já assustador balanço da última ditadura. Mesmo se da “Guarda” tivesse sido um dirigente, portanto, hoje não teria do quê envergonhar-se; como de nenhuma forma se envergonham os expoentes políticos argentinos que, à direita como à esquerda, hoje são muito respeitados também por seu passado na *Guardia de hierro*: uma das poucas siglas a não ter-se comprometido com a última ditadura.

Judas vendeu dois coirmãos

“Os jesuítas Orlando Yorio e Francisco Jalics viviam numa comunidade de base num bairro que confinava com a favela do Bajo Flores, exercendo aí sua atividade pastoral. Dez dias antes do golpe de Estado militar, o superior provincial dos jesuítas, Jorge Mario Bergoglio, avisou-os que deviam deixar a comunidade. Visto que Yorio e Jalics não queriam abandonar os moradores num mo-

mento tão difícil, Bergoglio propôs aos dois sacerdotes a saída da Companhia de Jesus. Além disso, o cardeal Aramburu privou-os da autorização de celebrar missas. No dia 23 de maio de 1976, Yorio e Jalics foram sequestrados juntamente com um grupo de catequistas (homens e mulheres) e conduzidos à Escola Mecânica da Marinha e numa estrutura clandestina da Grande Buenos Aires, onde foram torturados. Cinco meses depois os entorpeceram com narcóticos, carregaram-nos num helicóptero e os abandonaram num campo inculto na véspera da visita do ministro Martínez de Hoz à Assembleia do episcopado. Mas os catequistas, entre eles Mónica Candelaria Mignone, desapareceram para sempre”.

Horacio Verbitsky, jornalista argentino, ex-montonero

Como se dizia, o jornalista Horacio Verbitsky é com certeza o maior acusador dos presumíveis “crimes” de Bergoglio sob a ditadura militar. Verbitsky foi também um chefe dos guerrilheiros *montoneros*, os militantes revolucionários que haviam optado pela oposição armada ao regime, “embora sabendo – recorda o citado historiador Loris Zanatta, da Universidade de Bolonha – que a via violenta teria causado o golpe. Quando os militares tivessem tomado o poder, pensavam, o povo ter-se-ia insurgido. Um povo na realidade exasperado há anos de violência e ideologia, que à tomada do poder por Videla não mexeu uma palha”³.

³ F. Loris Zanatta, *Ibidem*.

Verbitsky – que então jamais teria acreditado nos documentos redigidos pela polícia política, habilíssima em confundir as águas e arruinar reputações, tornado mais tarde um fidelíssimo de Nestor Kirchner (o presidente da Argentina contra o qual Bergoglio se posicionou várias vezes, a ponto de ser definido “o verdadeiro chefe da oposição”) – em 2005 escreveu um livro contra o então arcebispo baseando-se justamente em alguns relatórios da *inteligência* dos generais. E uma de suas imputações mais fortes é sem dúvida a não intervenção a favor dos dois coirmãos citados acima⁴.

Mas o que de fato aconteceu? Na época dos acontecimentos, padre Jorge Mario Bergoglio era superior provincial dos jesuítas, ou seja, responsável por toda a Companhia na Argentina. Nessa condição encontrou quer o general Videla, quer o almirante Massera. Mais ainda: o futuro papa foi celebrar uma missa no quartel onde se presumia fossem conduzidos os dissidentes e investigou acerca de alguns coirmãos seus. Mas não pelos motivos que lhe imputam determinados detratores.

O próprio Bergoglio o explica em 2010 quando, já cardeal, foi interrogado pelos inquisidores argentinos como “pessoa informada” no caso de Elena de La Cuadra, filha de uma das cofundadoras das *Abuelas de la Plaza de Mayo* (organismo de protesto das avós dos *desaparecidos*) desaparecida quando grávida; na ocasião não se subtraiu a uma rajada de perguntas, e replicou o seu depoimento no dia 23 de abril de 2011 respondendo por escrito a trinta e três “questões”. Um documento mantido reservado pelas autoridades ar-

⁴ H. Verbitsky, *L'isola del silenzio*, Fandango, Roma, 2006.